

A LAGRIMA

Quinzenario Illustrado

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Barcellos, 5 de nov. de 1899.

Red. e offic.: Typographia Barcellense

Mez, 40 réis; trimestre, 120; Anno, 480

ABEL FIUZA

Ahi pelo anno de 1871, quando ainda se chamava convictamente seculo das luzes ao seculo XIX e havia sincera confiança nos progressos moraes da humanidade, (bom tempo!) via-se e ouvia se bandolizando pelos formosos caramancheis do Cavado, em noites luanrentas e estivaes, um rapazinho de cerca de 14 annos de idade, franzino, loiro, rosto branco rosado, olhar vivo e meigo, jovial e symphathico.

Dissereis um pequeno trovador medieval que an-lasse soletrando no livro immenso da natureza o verbo sacrosanto do amor e da liberdade.

Chamava-se esse rapazinho a quem todos estimavam pela sua alegria e modos affaveis—Abel Jordão Vieira Fiuza.

Os descantes e as guitarradas succediam-se; mas sempre com uma feição pacata e expansiva, que caracterisava as serenatas d'aquelles companheiros da bohemia barcellense, que sempre aqui teve adoradores.

Uma noite o Abel faltou ao duello nocturno em que a rapaziada desafiára, com arcadas de violino, um valente rouxinol que respondia impavido das copadas franças de uma carvalheira das Bessas, ahi para os lados de Val de Passos.

Contou-se então que deixára a vida descuidada juventude para ir nas regiões americanas tomar parte nas grandes luctas do trabalho.

Annos depois surge-nos elle negociante con... na praça do Pará, onde funda um

importante estabelecimento commercial ainda hoje muito acreditado, com o titulo de—«A loja do sol».

Era admiravel ver aquelle mancebo no verdor dos annos arcar com tamanhas responsa-

bilidades e, sempre criterioso, chamar á sua companhia mais dous irmãos, que se encontravam n'outras paragens do Brazil, para os fazer compartilhar do seu trabalho e da sua felicidade.

Então a sorte começou de cobri-lo com as suas prodigalidades e o Abel Fiuza vinha de tempos a tempos visitar a terra que muito amava e onde rodeava seus paes, parentes e amigos de ternura e bem estar.

Ressuscitavam os passeios no Cavado e á Franqueira e novos passeios a Tibães, ao Bom Jesus... a toda a parte enfim aonde aquelle espirito alegre e folgazão encontrasse amigos e musica—sua deusa favorita.

Vivia-se bem com aquelle character de eleição por todos os modos agradável e obsequioso n'aquelle en-

gano da alma ledo e cego...

Mas... (a terrivel adversativa tinha que vir empanar todo esse ceu sem nuvens, em que pairava aquella symphathica individualidade) uma doença invencivel principiou por prostrar no leito da dor quem tão amante se mostrava do prazer e da agitação.

Ha quatro para cinco annos que o torturava sem clemencia uma *ataxia locomotora*, que para maior ludibrio lhe enviava uma decepção a cada momento.

A medicina, consultada no paiz e no estrangeiro, não conseguira acalmar os seus grandes



A LAGRIMA

padecimentos.

Apenas as injeções de morfina, administrada em doses excepcionaes, trouxeram ao martyrisado Abel alguns minutos de tregua e alívio.

Com a sua alma de poeta cantou, pois, a morfina em versos que hoje aqui transcrevemos, pedindo muitas vezes que lhe cantassem as estrophes em musica que adou, parecendo-lhe talvez, que a propria morfina teria effeitos mais beneficos despertando a sensibilidade de seu nobre coração!

E' flagrante a antinomia que se nota entre a feição divertida d'este nosso amigo e o seu fim de soffrimento atroz.

Aquelle que tanto se deleitava saboreando os gosos da vida, no que esses gosos têm de compatível com uma boa educação, succumbia por um contraste notavel do destino ralado por cruciantes padecimentos, conservando sempre o cerebro com toda a lucidez para requinte de penas e completa apreciação da sua desgraça.

Na parte material da nossa terrá fica o nome de Abel Fiuza esculpido na construcção do Theatro Gil Vicente, que não se faria tão cedo sem o seu alento e o enthusiasmo e actividade de seu irmão Antonio.

Na parte acima da materia o seu nome entrará nos dominios da lenda, perpetuado por todos os barcellenses, que nunca viram um coração mais sensível ás misérias alheias e que com tamanha preocupação repartisse a sua avultada fortuna.

Fubricio.

Meu Soucausaux:

O estado sanitario d'este jardim, abundante de altos pinheiros, é, presentemente, bom, abençoada a hora em que o affirmo, a despeito da terrível *ingrezia*, que sóa por ali além. E esquecendo, por hoje, os grandes desarranjos causados n'ó sei por que *aéria distribuição das néguas*, de boamente confessaria vivermos aqui n'uma paz santa e harmonia invejavel, se uma terrível invasão d'entidades barbaras, do norte talvez, escapadas á vigilancia policial, não viesse perturbar *este doce remanso d'alma*, floreteando-nos, teimosas, o physico, onde deixa os *locos do delicto* carimbados com empolas *ardentemente comichosas!* Admiramos aquella macieira ali, na horta do regedor, do bom visinho, o *Zé da Eira*, toda arrebitada e coberta de flóres, agora quasi nos principios de novembro!.. Santas gentes!..

Quando eu era criança, admirou-se em Viana uma praga igual, vinda, diziam, lá da Criméa n'uns barcos de guerra; na época, em que parece me, se popularisam n'este reino as coberturas d'arame para defensão das comidas; e davam ás taes senhores, *mosquitos* adventi-

cios o nome honroso de *zumidores, zombeteiros, trombeteiros.*

Um sujeito conheci eu, que embirrava tanto com estes estrangeiros, molinos patificos que, assistindo casualmente, á abertura d'um caixão, onde vinha uma boa porção das taes cobertas, designadas na factura—*mosqueteiros*—, apenas soube o nome, lançou mão d'uma e safou-se... Deixemol-o em casa, mostrando á esposa o invento, que analysa e ensaia a experiencia com uma toalha alinhavada em volta de prevenção para defeza do pescoço; não nos emportemos com o homem mascarado, estirado no leito, muito quietinho e toda noite de costas; volte-mos pela manhã...

Parece-me ouvir ainda as compridas e successivas risadas, com que D. Julia, a esposa galhoifeira, o troçava, applaudindo e festejando os muitos enchaços e empolas, que enfeitavam a testa e as fontes do marido!. que bellos tempos!..

Eu não sei, se a Empreza Gil Vicente escripturou alguns dos modernos adventicios, para com suas *vozes mariosas acompanharem as arduas lascivas e requiebro sensíveis* dos amadores Leite e Pancrácio, no engraçado expressar do satyrico dr. Coelho. Grande pezar será, porém, o meu, se lhes couber a triste sorte da salufiera e engraçada orchestra dos *velhos e...* de Barcellinhos, hoje extincta e esquecida; cujos segredos e privilegios loucamente pretendeu violar invejoso caixeiro, que encontrou no *piper* o merecido castigo do seu atrevimento, como se expressava o velho, honrado e galhoifeiro presidente Santos, coberto de lagrimas de satisfação e contentamento, ao narrar-me, com todos os seus promenores, tão engraçada partida.

Já que me referi ao amigo Pancrácio (porque *se foram* as cartas que lhe escrevi), espero merecer do bom Soucausaux a mercê de lhe recomendar, que *passo uma esponja* por cima da imerecida *sóa* no Ayró, donde, em tempo, recebi agarotado bilhete, em que lamentando não ter podido partilhar no dia 22 das alegrias de amigos tão divertidos declarava muito folgaria abraçal-os com brevidade n'aquelle presbyterio, principalmente pelo vivo interesse de conciliar Pança com a formosa e encantadora nymphá d'aquelle Pindo...

Quem me pilhára, meu caro, na sua idade, para lhe *significar* a minha consideração: veria então como eu *affirmaria*, senão com graça, com alegria! Agora, n'este estado *zurreiro*, lembra-me o velho *servo das Almas*... conheceu o mestre Luiz?. reparou alguma vez na imponencia com que elle recitava o—*Intellexisti haec omnia?* que acompanhava do parenthesis (*são modos fallacios dos antigos gallios?*)?... E notou, como elle, *incensando-se* tambem ali,

A LAGRIMA

fôra do âmbito da *sachristia*, no seu scenario d'escanhoador, *attentava aquillo*, a navalha, na pedra que amaciava com lagrimas cahidas do grizol *brilhantemente* registradas?.. Paz a sua alma! bellos tempos que não voltam! typos privilegiados que se não secundam!...

Desculpe este insonso alinhavo, dado á luz, com luneta incerta, e o nervoso algum tanto assanhado. Dê-lhe o distincto que entender; e, se achar alguma virgula de mais, queira guardal-a no bolso para os devidos effeitos.

Seu amigo—P.^o J. Roza.

Morphina

*E's um veneno divino
P'r'acalmar meu soffrimento
Ven depressa! E' meu destino
Não te largar um momento.*

*Tens o poder que outra droga
Não consegue dominar
Pois se esta o bem não logra
Vaes tu o mal acalmar.*

*E's um balsamo, embriagao
O espirito ao paciente;
E em doce somno o affagao
E o teu veneno não sente.*

*Dizem que matas... que medo!
Se o tea matar dá prazer...
Se hei-de ir tarde von mais cedo,
Quero contigo morrer.*

*E's qual amante vaidoso
Que a todos vaes amando,
Com ternura mentirosa
De prazer os vaes matando.*

*Momentos antes que Deus
Me chame a contas finais
Desejo nos labios teus
Sepultar meus tristes ais.*

*Não percas tempo, um instante,
O querer-te é minha signa,
Quizera ser teu amante
Se tu não foras morphina.*

*E depois quando a vida
Se esvaír d'este meu peito
Ven embalar-me querida
Ven despedir-te ao meu leito.*

Julho—97.

Abel Fiuza.

Um mimo

O teu sorriso é um souho
D'um mysticismo ideal;
Tem as côres da ventura,
A doçura celestial!

A ventura é côr de rosa,
Um beijo teu—o paraizo!
Vê lá tu que de ventura
Se alberga no teu sorriso!

13-10-93 .

A. Braz.

Caçada real

Os nossos compatriotas Manoel Campello e Joaquim Cunha—a quem nos prendem os liames da mais sincera amizade, sem desrespeito para a que nós devotamos ao José Luciano—foram á caça a Castro Laboreiro.

Pediram emprestados alguns cães (o que é melhor do que pregal-oz), arranjaram tambem o burro do Carvalho e lá foram, cães e elles, dentro d'um errito, direitos a Ponte do Lima, onde os receberam muito bem os habitantes d'aquella villa.

D'ahi seguiram todos, todos, sim—cães, burros e os nossos amigos—até Monsão onde Campello e Cunha beberam em grandes malgas vinho capitoso e encheram a pansa ás alimarias.

Pouca demora. Carro prompto em marcha. Campello perguntou que *vinha a ser* aquella Deu-la-Deu representada na estatua, que se via na praça do mesmo nome, ao que Cunha respondeu que *vinha a ser... de bronze*.

Muita gargalhada, muito latido, e o trem lá viajava até ao Peso.

O Campello começou de querer saber por que se chamaria Peso á estancia d'aguas que se começava a ver; Peso da Regoa entende-se bem por que o seja; agora sómente Peso... *Peso da regoa*, é aquella bola que se suspende nos niveis de taboa que os pedreiros usam e que deu o nome á terra que o tem. Agora Peso. só!... Talvez seja devido ao *peso* que as aguas façam no estomago.

Continuava a paudega. Os bichos iam satisfeitos da barriga e da quentura do tempo. O burro levantava de vez em quando o rabo, que ficava em forma de penacho, e do sopé d'elle sahiam castanhas amarellaes, que pareciam mesmo do Douro, o que muito fazia rir o Cunha.

—«Vês, Manuel. Como ellas caem, hão de cair assim no chão as perdizes.»

Estavam já a chegar a Melgaço, quando—infelizmente—se partiram as lanças do carro; o Cunha foi cuspidado d'elle, ficando ao *carrochinho* do cavallo; a cesta ou *capoeira* dos cães rolou por uma ribanceira abaixo, dando cada pulo que parecia mesmo um saltão do mat-

A LAGRIMA

to; isto no meio d'uma gritaria doloridamente infernal da canzoada.

Campello estava com uma garrafa de vinho á bocca, quando se deu isto, quebrou n'esse momento, espalhando-se a pinga pela camisa branca abaixo, do nosso amigo, que parecia, então, mesmo um sarreiol...

Tudo estava sem ferimento de grande monta. Simplesmente o Cunha ficou a não vêr d'um só olho, Campello idem e mais todos os animaes.

Algunas horas de descanso, as bastantes para os caçadores comerem arroz de *cozinha*, em Melgaço, e eis que se põe a calcante a nossa patrieta comitiva, deixando duas cousas—o burro e o carro.

*

1.º dia de caça, muito feliz. Chuva a potes e caça de pulgas á noite, nas camas d'uma das frias, immundas e feias casas de Castro Laboreiro.

2.º dia, o almoço—singular—pão negro de centeio e batatas fritas com azeite. Jantar e ceia egual. Vinho muito bom, transportado por almocreves em ôdres gordorosos. Caça, sómente duas peças—apanhadas por fortes bategas d'agua—de nome Cunha e Campello, da familia das pernaltas. Aves diurnas e nocturnas.

3.º dia. Grande enthusiasmo!... Caçadores molhados até os ossos. Despejaram um quartilho d'aguardente dentro das botas, para se não constiparem (não as botas, os nossos amigos, é sabido). O Cunha viu, a olho nú, um veado. Estava-lhe mais proximo o Campello, a quem disse que lhe fizesse fogo.

—«Eu! No chão é que não lhe faço fogo. Só no ar. Que diriam o Vinagre e Ferruge se tal sobbessem.»

4.º dia. Continua o enthusiasmo. Os dous caçadores deitam a seccar as meias e roupa, em paus, á porta da residência e aquecem a camisa, ceroulas e corpo, ás labaredas crepitantes d'uma fogueira de urze. E' delicioso o bacalhau da peça que expurram com a borã centeira. Acabou-se o vinho. E' grande a aueidade que têm que chegue o almocreve que o conduz. A agua é magnifica para beberem. Nasceita em rocha, batida de serra em serra; por conseguinte bem arejada. Ha uma restea de sol. E preciso aproveitá-la. O Campello enterra-se até á cinta n'um lameiro. O enthusiasmo chega ao delirio. Um contratempo, só... Acabaram-se os cigarros. O Cunha, porém, tem ainda um e tambem uma lembrança. Fumarem os dous o mesmo cigarro; fumaça lá e fumaça cá. Aparece outra vez a chuva em bategas pesadas. Já mataram uma perdiz. Reina a alegria.

(O telégrapho foi interrompido pelo tempo; aguardam-se noticias com ansiedade, aqui.

Ultima hora

Sabe-se pela via de Montalegre que o caça-

dor Cunha está muito constipado, deitando-lhe Campello um sinapismo.

Cabiu um tação ás botas do Campello, que substituiu por outio de cortiça.

Notas Diversas

Proximo a Tibães, ha mezes, ia—n'uma romaria—um pobre pedindo esmola em tom lamuriento.

—«Pelas bem litas almas, meu Senhor, cinco-reisinhos.»

E apoz isto, dizia uma mulher, que lhe ia na piugada.

—«Não dê esmola, não, que esse maroto é um tratante muito grande, *anda a nigalo* comigo.»

Peior a emenda do que o soneto.

* O Francisco Ferreira de Faria, depois de ser recelão, auctor d'um injector, architecto e muito habilioso em mais artes e officios, appareceu-nos, á ultima hora, *casamenteiro*.

As raparigas solteiras de Brcellos, com propensões para teias, cheguem-se-lhe e cantem ao (hymno de S. João):

«O' Ferreira de Faria
Casae-nos que bem poléis
Nós temos teias d'aranha...
E' coisa que vós sabeis».

* O nosso amigo João Ferreira, que não é nenhum calca nabos, veio expressamente de Vianna aqui, dizer-nos a razão por que se concedem na St.ª Casa e Santissimo, premios em dinheiro ás raparigas que casem no esta-lo de castidez e não se faz o mesmo aos rapazes.

Como o nosso João não parecia sapateiro, que é, usando linda bengala, linda gravata, facto apurado e lueteas pretas, para não se lhe cresarem os olhos, cuidamos que era um doutor, porém desfeito o engano, abraçamol-o e então continuou fallando do fim da sua visita.

—«Não constando mesmo nada, do Vergelin, affirmam, sendo elle, portanto, um rapaz casto, porque se não lhe concede o premio á sua virtude, no caso de elle se consorciar?»

Tem razão. O Vergelin nem sequer ainda namorou. Quando lhe fallam em mulheres—coitadinho—até esconde, envergonhado, a cara entre as mãos.

* Brevemente haverá um *baptisado* em que será padrinho o João das Botas e testemunhas o Trinta Reis, Chinea e Luiz Pires. O neophito é já *dotado* pelo José Mattos

Caminho da Estação, cil-o estirado...

Traz no papo carrascão e linguica.

—«O' doutor! por quem é, acuda ao desgraçado».

—«Mas se o homem añal está *total*,
E' metter-lhe no ventre uma estilha.»